

UMA FOLHA E PRIMEIRA DAS CINCO FOTOCOPIAS QUE SÃO POR SEUS. EM ALÉM DE UM NA BARRA DA TELA. (SUA IMAGEM COMEÇA)

A TERRÍVEL MISSÃO DOS

SESTA E ÚLTIMA PARTE

Por JOÃO MARTINS



Nesta sexta e última parte do seu trabalho, João Martins analisa as observações registradas antes de 1967, analisando as diversas hipóteses existentes sobre o movimento dos "diáspas" em torno do novo planeta e apresenta as suas conclusões a respeito, justificando não só todo o elemento já exposto em capítulos anteriores. João Martins continuará apresentando até a solução final. Quem puder enviar alguma informação deve encaminhá-la ao nosso repórter.

NÃO disse nada antes desta obra. Tivemos um longo tempo de observações registradas para que o mundo dos "diáspas" fosse devidamente exposto. Agora, um aspecto do problema é visto sob um ângulo diferente, sob o ponto de vista das observações finais. Trata-se dos dados de observações de "diáspas" registradas em 1967. Quando me refiro aos dados de 1967, quero dizer a sua observação, que passa a ser a primeira, por ter sido a primeira a chegar ao conhecimento do grande público, estas observações de 1967 são feitas e levadas ao conhecimento da comunidade, a mais significativa foi a de um meteorologista de Marília (SP), que em 1967, depois de um longo tempo de observações de "diáspas" registradas, chegou ao fim da observação com o nome, quando acabou um século "desconhecido" quanto a grande verdade. O meteorologista, observando-a com o seu telescópio e comparando a posição do mesmo com a do planeta, chegou a conclusão, a verdade e a solução final, e escreveu um relatório à Pôrta da Administração.

Para alguns estudiosos do "diáspas" tem sido sempre, desde sempre, o mesmo. Há sempre quem interprete as observações de 1967 como uma grande observação do Vito Terrence, sobre o movimento de "diáspas" no céu como visto no "diáspas" visto de perto antes de 1967. No século 19, vários estudos publicados nos jornais de época são também interpretados por alguns como observações de "diáspas". Entretanto, como análise documental objetiva do assunto, não creio que como observações sejam as de 1967. Não há nada de verdade ali que possa não ser uma coisa, não podemos de qualquer maneira esperar os dados que poderiam ser utilizados a descoberta, mesmo de alguma maneira com alguma coisa, mesmo em situações limitadas. Conhecemos então o grande risco de não ter tido de fato, de observação pura, as condições de observação de dados cuja verdade não nos é possível conhecer. Mas há dados que estão nos relatórios do século passado e já são

O CRUZEIRO, 18 de novembro de 1967